

CAPÍTULO I

Estávamos na sala de estudo quando o director entrou, seguido de um *novo* vestido à provinciana e de um ajudante que transportava uma carteira grande. Os que dormiam acordaram, e todos se levantaram como que surpreendidos no seu trabalho.

O director fez-nos sinal para que voltássemos a sentar-nos; depois, virando-se para o prefeito:

— Monsieur Roger — disse ele a meia-voz —, trago aqui um aluno que lhe recomendo. Entra para a quinta classe. Se o trabalho e o comportamento dele tiverem algum merecimento, será transferido *para os grandes*. Já tem idade para isso.

O *novo*, que ficara no canto, atrás da porta, de modo que mal o víamos, era um rapaz do campo, de cerca de quinze anos, e mais alto do que qualquer um de nós. Usava os cabelos cortados em franja sobre a testa, como um cantor de igreja de aldeia, e tinha um ar comedido e muito acanhado. Embora não fosse largo de ombros, o casaco de tecido verde com botões pretos devia deixá-lo pouco à vontade, e pela abertura das mangas podiam ver-se-lhe os pulsos vermelhos, habituados a estarem nus. As pernas, com meias azuis, saíam de umas calças amareladas, muito puxa-

das pelos suspensórios. Calçava sapatos grossos, mal engraxados, reforçados de cardas.

Começou-se a dar lição. Ele escutava, de orelha fita, atento como se ouvisse um sermão, não ousando mesmo cruzar as pernas nem apoiar-se no cotovelo, e às duas horas, quando a sineta tocou, o prefeito foi obrigado a avisá-lo, para que se metesse na forma connosco.

Tínhamos o hábito, ao entrar na aula, de arremessar os bonés para o chão, a fim de termos depois as mãos mais livres; logo à entrada, atirávamo-los para baixo do banco, de maneira que batessem na parede, fazendo muita poeira; era da *praxe*.

Mas, fosse porque não tivesse observado a manobra ou porque não ousasse submeter-se a ela, havíamos já terminado a oração e ainda o *novo* tinha o boné em cima dos joelhos. Era uma destas coberturas de ordem compósita, onde se encontram os elementos do boné de pêlo, do *chapska*¹, do chapéu redondo, da boina de lontra e do barrete de algodão, uma destas pobres coisas, enfim, cuja fealdade muda tem profundezas de expressão como o rosto de um imbecil. De forma ovóide e recheado de barbas de baleia, começava por três rolos circulares; depois alternavam-se, separados por uma risca vermelha, losangos de veludo e de pele de coelho; vinha em seguida uma espécie de saco que terminava por um polígono cartonado, coberto por uma complicada guarnição de sutache, da qual pendia, na extremidade de um cordão comprido e delgado, um pequeno entrançado de fio de ouro, do feitio de uma bolota. O boné era novo; a pala brilhava.

— Levante-se — disse o professor.

Ele levantou-se: o boné caiu. Toda a classe se pôs a rir.

Baixou-se para o apanhar. Um vizinho voltou a fazê-lo cair com uma cotovelada; ele apanhou-o outra vez.

— Veja lá se se desembaraça do boné — disse o professor, que era um homem espirituoso.

Houve um riso barulhento dos estudantes que confundiu o pobre rapaz, a tal ponto que não sabia se havia de ficar com o boné na mão, deixá-lo cair ou pô-lo na cabeça. Tornou a sentar-se e pousou-o nos joelhos.

— Levante-se — tornou o professor —, e diga-me o seu nome.

O *novo* articulou, com voz balbuciante, um nome ininteligível.

— Repita!

O mesmo balbuciar de sílabas se fez ouvir, abafado pela algazarra da classe.

— Mais alto! — gritou o mestre —, mais alto!

O *novo*, tomando então uma resolução extrema, abriu uma boca desmesurada e lançou a plenos pulmões, como para chamar alguém, esta palavra: *Charbovari*.

Isto deu lugar a um tumulto que se elevou de súbito, subiu num crescendo, com gritos de vozes agudas (havia uivos, ladridos, ruídos de pés, e toda a gente repetia: *Charbovari! Charbovari!*), que depois rolou em notas isoladas, acalmando-se muito a custo, e que por vezes reaparecia de súbito numa fila de bancos, de onde se soltava ainda, como uma bomba mal apagada, algum riso abafado.

Entretanto, sob a chuva dos castigos, restabeleceu-se pouco a pouco a ordem na aula, e o professor, que conseguira compreender o nome de Charles Bovary, depois de lho mandar ditar, soletrar e reler, ordenou logo a seguir ao pobre diabo que se fosse sentar no banco dos preguiçosos, ao pé da sua cadeira. Ele pôs-se em movimento, mas, antes de encetar a marcha, hesitou.

— Que procura? — perguntou o professor.

— O meu bo... — balbuciou timidamente o *novo*, passeando à sua volta olhares inquietos.

— Quinhentos versos a toda a aula! — exclamou em voz furiosa o professor, detendo, como um *Quos ego*, uma nova borrasca. — Deixem-se estar sossegados! — continuava, indignado, e, limpando a testa com o lenço que acabara de tirar do gorro: — Quanto ao senhor *novo*, vai-me copiar vinte vezes o verbo *ridiculus sum*.

Depois, em voz mais branda:

— Então! Há-de encontrar o seu boné; não lho roubaram!

Voltou a calma a todos. As cabeças curvaram-se sobre os cadernos, e o *novo* ficou durante duas horas numa atitude exemplar, embora, de tempos a tempos, dos bicos dos aparos lhe fossem arremessadas algumas bolinhas de papel que lhe iam salpicar o rosto. Mas ele limpava-se com a mão, e ficava imóvel, de olhos baixos.

À tarde, na sala de estudo, tirou da carteira as mangas postiças, colocou em ordem os seus pequenos apetrechos e dispôs cuidadosamente o papel. Vimo-lo trabalhar conscienciosamente, procurando todas as palavras no dicionário e não se poupando a esforços. Foi, certamente, devido à boa vontade de que deu provas que ele não passou para a classe inferior; pois, embora soubesse sofrivelmente as regras, continuava a faltar-lhe a elegância de maneiras. Fora o cura da sua aldeia que começara a ensinar-lhe latim, visto que os pais, por economia, não o tinham mandado ao colégio senão o mais tarde possível.

O seu pai, Monsieur Charles-Denis-Bartholomé Bovary, antigo cirurgião-ajudante do exército, comprometido, cerca de 1812, numa questão de alistamento de recrutas e obrigado a deixar o serviço por essa época, aproveitara então as suas vantagens pessoais para conseguir, sem grande esforço, um dote de sessenta mil francos que se lhe oferecia na filha dum fabricante de chapéus, que se apaixonara pela sua elegância. Homem de boa figura, jactancioso, fazendo tilintar as esporas, ostentando umas suíças que se juntavam aos bigodes, com os dedos sempre recheados de anéis e vestindo

cores berrantes, apresentava o aspecto de um herói, com a vivacidade fácil de um caixeiro-viajante. A seguir ao casamento, viveu dois ou três anos a expensas da fortuna da mulher, jantando bem, levantando-se tarde, fumando em grandes cachimbos de porcelana, não entrando em casa à noite senão depois dos espectáculos e frequentando os cafés. O sogro morreu e deixou pouca coisa; isto indignou-o e fez que se lançasse *na fábrica*, onde perdeu algum dinheiro; depois retirou-se para o campo, onde pretendeu *viver dos rendimentos*. Mas como percebia tanto de agricultura como de fel-tros, montava os seus cavalos em vez de os mandar para os trabalhos de lavoura, bebia as suas garrafas de sidra em vez de as pôr à venda, comia a melhor criação dos seus viveiros e engraxava as botas de caça com a gordura dos porcos, não tardou a compreender que lhe era preferível abandonar toda a especulação.

Desembolsando duzentos francos por ano, encontrou para alugar numa aldeia, nos confins da região de Caux e da Picardia, uma habitação que era metade herdade, metade casa senhorial; e aborrecido, roído de pesar, acusando o céu, invejoso de toda a gente, ali se encerrou, com a idade de quarenta e cinco anos, desgostoso com os homens, dizia ele, e decidido a viver em paz.

A sua mulher estivera outrora louca por ele; amara-o com um servilismo extremo, que ainda mais a afastara dele. Noutros tempos cheia de animação, expansiva e amorosa, tornara-se, ao envelhecer (à maneira do vinho que, exposto ao ar, se transforma em vinagre), de humor difícil, resmungona, cheia de nervosismo. Tinha sofrido tanto, sem se queixar, nos primeiros tempos, quando o via correr atrás de todas as prostitutas da aldeia, voltando à noite de maus lugares, cheio de tédio e cheirando a vinho! Depois, o seu orgulho revoltara-se. Calara-se então, engolindo a raiva num estoicismo mudo, que manteve até à morte. Andava sempre em canseiras, em negócios. Ia falar com os advogados, com o presiden-